

SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA

II SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

29 de setembro à 04 de outubro de 2014

QUEM FAZ MAIS GOLS...

Priscylla Scarllet Rodrigues Oliveira
Acadêmica do Curso de Matemática, Câmpus Goiás-UEG
priscylla.scarllet@hotmail.com

Karyna Rodrigues Santos
Acadêmica do Curso de Matemática, Câmpus Goiás-UEG
karynnarvita@hotmail.com

Marques Cardoso Dos Santos
Acadêmico do Curso de Matemática, Câmpus Goiás-UEG
marquezcardoso@hotmail.com

Matheus Vinícius Monteiro Barbosa
Acadêmico do Curso de Matemática, Câmpus Goiás-UEG
matheusvmb@hotmail.com

Rodrigo Bastos Daúde
Mestre em Educação, Ciências e Matemática-UFG
Docente no curso de matemática, Câmpus Goiás-UEG
daude10@hotmail.com

Hélia Sandra Bento Tavares Dos Santos
Docente da Escola Municipal Holanda

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo socializar a experiência de uma atividade pedagógica vivenciada na Escola Municipal Holanda, município de Goiás-GO, envolvendo alunos de 6º ano do ensino fundamental, realizado pelos bolsistas do PIBID, discentes do curso de Graduação em Matemática da Universidade Estadual de Goiás, UEG/Câmpus Goiás. Nessa turma foi evidente a dificuldade com as operações básicas. Para isso realizamos a aplicação de uma gincana, por nome “Quem Faz Mais Gols”, onde o objetivo era a realização das operações mentalmente, estimulando assim o raciocínio lógico, a socialização e, principalmente, as operações básicas. A técnica de condução desta atividade se fundamenta na perspectiva da pesquisa-ação, tendo como foco uma abordagem qualitativa e quantitativa, não deixando de lado as questões referentes a análise de conteúdo e para tal nos baseamos em Severino (2007) e Thiollent (1996). Com Demo (2003), argumentamos que a imagem retrógrada de sala de aula deve ser mudada, desfazendo a ideia de aluno como sendo alguém submisso que comparece para escutar e engolir ensinamentos (FREIRE, 1996). O aluno deve ir à aula para trabalhar junto com o professor, deve-se transformar a sala de aula em local de trabalho conjunto. Obtivemos como resultado uma grande satisfação quanto à motivação passada pelos alunos através de uma simples proposta de gincana, apenas por sair da rotina, mostrando que não é tão difícil aprender matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Matemática. Gincana. Pesquisa-ação.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo socializar uma experiência vivenciada na Escola Municipal Holanda, município de Goiás-GO, envolvendo alunos de 6º ano do ensino fundamental, com a participação dos bolsistas do PIBID do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás, UEG/Câmpus Goiás. Esta atividade teve o intuito de motivar os alunos da educação básica em relação a esta disciplina, partindo de uma perspectiva lúdica, como um contraponto às dificuldades e aos poucos chamando o interesse pelas aulas de matemática.

Em sala de aula observamos uma aula bastante tradicional, com a utilização, na maioria das vezes, de quadro e giz, e sempre com explicação do conteúdo, exemplos, exercícios, correção dos exercícios (isso repetidas vezes) e depois a atividade avaliativa. O que por muitas vezes acaba desmotivando os alunos. Por diversas vezes veio a mente os estudos de Freire (1996) ao referir-se a educação bancária.

Durante a observação nas salas de aulas, no 6º e 9º ano do Ensino fundamental, pudemos observar quase que o mesmo ponto de dificuldade: operações básicas. É claro que cada série tem sua evolução e sua característica distinta, mas havia uma maior dificuldade, em ambas as turmas, nessas operações básicas. Após algumas semanas de observação escolhemos o 6º ano para trabalhar.

OBJETIVOS

De forma geral, o Programa de Bolsa de Iniciação a Docência-PIBID está baseado em três eixos: universidade/escola básica, formação docente e relação ensino-aprendizagem. Para tanto nossos esforços na unidade escolar supracitada convergiram em analisar os problemas de aprendizagem da matemática e, a partir deles, levantar e estudar materiais didáticos que pudesse sanar tais dificuldades.

Nas observações para constituição deste relato percebemos notórios problemas de aprendizagem nas operações básicas. Devido a isto trabalhamos com esta proposta do “quem faz mais gols”, evidenciando as quatro operações básicas.

METODOLOGIA

O presente trabalho se fundamenta na perspectiva da pesquisa-ação, tendo como foco uma abordagem qualitativa e quantitativa, não deixando de lado as questões referentes a análise de conteúdo e para tal nos basearemos em Severino (2007) e em Thiollent (1996), entre outros.

Para uma abordagem qualitativa nos ataremos a Severino (2007), que destaca a sua importância quando considera os aspectos relacionados à vivência dos sujeitos, ou seja, suas experiências diárias. Uma vez que, para o autor, a abordagem qualitativa traz a condição de entender o sujeito em seu ambiente natural, com seus valores, suas crenças e seu modo de vida. Neste sentido, Thiollent (1996) descreve a pesquisa-ação como sendo uma pesquisa social, que se baseia na cooperação de indivíduos de um mesmo ambiente social, para a resolução de um problema coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Matemática caracteriza-se como uma forma de compreender a atuar no mundo. O conhecimento gerado nessa área do saber é visto como fruto da construção humana na sua interação constante com o contexto natural, social e cultural (D'AMBROSIO, 1991). Este mesmo autor afirma que “[...] há algo errado com a matemática que estamos ensinando. O conteúdo que tentamos passar adiante através dos sistemas escolares é obsoleto, desinteressante e inútil” (D'AMBROSIO, 1991, p.1). Estas palavras evidenciam a necessidade de se abandonar o tradicionalismo, isto é, a visão da matemática como disciplina que desperta ansiedade e medo em crianças, jovens e adultos, além de apresentar o maior índice de reprovação nas escolas.

Na disciplina de Matemática, como em qualquer outra, o envolvimento ativo do aluno é uma condição fundamental da aprendizagem (PONTE, 2003). A interação entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer em um clima de cooperação entre os componentes de uma equipe, onde o aluno torna-se companheiro no decorrer do trabalho. Tendo em vista a criação de um ambiente que motive e desperte o interesse pela aprendizagem da disciplina Matemática, incentivando o aluno a agir com autonomia.

Em matérias abstratas como a Matemática, Demo (2003) afirma que é de suma importância que se possam ver tais relações no dia a dia, para superar o absurdo de imaginá-las. O

aluno deve participar, relacionando ensinamentos com a realidade, saber pensar, elaborar, reconstruir o conhecimento e aprender a aprender.

Para Demo (2003) a escola precisa disponibilizar um ambiente de trabalho coletivo e não apenas disciplinar, privilegiando atitudes e questionamentos críticos e criativos, onde professor e aluno caminham juntos, sendo parceiros do processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Menezes (2007), a função mais importante da escola é justamente desenvolver o desejo de aprender. Sendo assim, a falta de motivação não é problema apenas dos alunos, mas da própria escola. É necessário que o professor procure incentivar o aluno, proporcionando ambientes e atividades que estimulem a curiosidade e o interesse, fazendo com que o estudante se identifique com o assunto e faça surgir a expectativa do sucesso (DEMO, 2003).

Rocha (2006) destaca a importância da utilização de metodologias capazes de priorizar a aplicabilidade de estratégias para a construção do conhecimento, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade e alcances lógicos das explicações propostas. Rocha (2006) ainda ressalta que atividades do tipo gincana ou olimpíada de Matemática são importantes para desenvolver o raciocínio e o espírito competitivo, preparando os estudantes para novos desafios em sua vida escolar, profissional e pessoal. “Projetos deste âmbito são inovações na educação e essenciais para a construção de uma metodologia que faça com que nosso aluno tenha a capacidade de interagir e integrar-se em um mundo competitivo e globalizado” (ROCHA, 2006).

Como resultados, podemos claramente admitir que os mesmos foram satisfatórios. Do ponto de vista do trabalho pedagógico oferece-se uma nova estratégia para o ensino de matemática, baseada na utilização de jogos (gincanas). Para o docente reforça a concepção de que jogos, além de serem úteis para o desenvolvimento do raciocínio lógico, a criatividade e a capacidade de manejar situações reais, podem, ainda, servir de elemento facilitador no despertar do aluno para a importância da matemática para a sua vida social, cultural e política. Para o aprendiz, sem que o mesmo perceba, possibilita aprender ou discutir conceitos de forma espontânea, brincando numa atividade lúdica. Isto favoreceu principalmente as relações sociais entre eles e a participação em sua própria aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da gincana foi muito interessante observar vários alunos, que em aulas normais não fazem nada, mas na gincana estavam se esforçando e incentivando outros a fazerem também. Chegou até mesmo a ser engraçado vê-los todos eufóricos em resolver as contas e depois verificar a correção de cada grupo.

Ficou bastante explícito as maiores dificuldades deles, estando nas divisões e multiplicações, inclusive houve uma conta de divisão que toda sala errou e todos tiveram o mesmo erro. Ao perceber esse erro, explicamos a todos como se resolveria tal conta e qual foi o erro deles.

Com a finalização da gincana todos começaram a contar os pontos de cada rodada para saber qual grupo ganhou e qual grupo perdeu, mas antes mesmo deles chegarem a um resultado demos o objetivo da gincana. Ao questioná-los quanto a dificuldade da atividade eles responderam que “não”, foi nesse momento que concluímos, explicando que na gincana não haveria vencedores ou perdedores, pois todos ganharam conhecimento e isso é o que importa, mostremos a eles que quando eles querem estudar eles conseguem, pois todos ali são capazes.

REFERÊNCIAS

- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Matemática, ensino e educação: uma proposta global*. Temas & Debates, São Paulo, 1991.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 6ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MENEZES, Luis Carlos. De onde vem tal motivação? Nova Escola: Abril, nov 2007.
- PONTE, João Pedro. *Investigações matemáticas na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.
- ROCHA, Ângela Moser et al. Olimpíada de Ciências e Matemática. In: Anais do Encontro Gaúcho de Educação Matemática. Caxias do Sul, 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.